

APRENDER PARTICIPANDO: CRUZAMENTO DE DIFERENTES ESPAÇOS PARA UMA EDUCAÇÃO SOCIOCULTURAL

Jenny Sousa

ESECS, CICS.NOVA.IPL Leiria, CI&DEI, CLLC, Politécnico de Leiria,
Portugal

Ana Fontes

ESECS, Politécnico de Leiria, Portugal.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma experiência prática demonstrativa da importância da promoção de uma educação que abranja diferentes espaços da comunidade, não se cingindo somente às instituições escolares e às formas mais tradicionais de ensino. Dito de outro modo, defende-se neste trabalho a ideia de que à escola cabe não só promover aprendizagens e saberes académicos, como também desenvolver nos estudantes competências e habilidades cognitivas, metacognitivas, sociais e emocionais necessárias ao exercício de uma cidadania consciente e mais centrada na dignidade humana. Neste desiderato, revela-se de crucial importância a promoção da participação ativa dos estudantes e o seu envolvimento nos diferentes contextos socioculturais em que estão inseridos. Face ao exposto, cabe às Instituições de Ensino Superior promover metodologias ativas de ensino-aprendizagem que permitam aos estudantes ser mais autónomos, criativos, comunicativos, cooperativos e construtores de relações humanas, quer nos contextos profissionais, quer pessoais. Tendo estes determinantes como pressuposto, desenvolveu-se uma experiência pedagógica com os estudantes do Curso Técnico Superior Profissional em Intervenção Sociocultural e Desportiva, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria (Portugal). Esta



experiência consistiu na realização de um conjunto de iniciativas integradas no projeto “Intervir. Humanizar. Contagiar”, que decorre da parceria com a Comissão de Humanização do Hospital de Leiria. As atividades, antecipadamente planificadas, alicerçaram-se em metodologias ativas de ensino-aprendizagem e tiveram como principais objetivos fomentar relações mais humanizadas entre os envolvidos e contribuir para a formação de profissionais capazes de fomentar a integração social, o desenvolvimento cultural e a adoção de estilos de vida saudáveis. A realização de atividades práticas desenvolvidas em espaços de educação sociocultural que, neste caso concreto, se centraram em instituições hospitalares, revelaram ser experiências profícuas na promoção de uma panóplia de aprendizagens significativas, tanto a nível técnico e profissional, como a nível pessoal e social, que de outro modo não poderiam adquirir.

PALAVRAS-CHAVE:

Metodologias ativas de ensino aprendizagem; Educação sociocultural; Instituições de ensino superior; Atividades socioculturais e desportivas; Humanização.

ABSTRACT

This paper presents a practical experience that demonstrates the importance of promoting education that encompasses different areas of the community, not just school institutions and more traditional forms of teaching. In other words, this work defends the idea that it is the school's job not only to promote academic learning and knowledge, but also to develop the cognitive, metacognitive, social and emotional skills and abilities necessary for students to exercise conscious citizenship, with a greater focus on human dignity. In this regard, it is crucial to promote the active participation of students and their involvement in the different socio-cultural contexts in which they live. In view of the above, it is up to higher education institutions to promote active teaching-learning methodologies that enable students to be more autonomous, creative, communicative, cooperative and build human relationships, both in professional and personal contexts. With these determinants as a starting point, a pedagogical experiment was developed with students on the Higher Professional Technical Course



in Sociocultural and Sports Intervention at the School of Education and Social Sciences of the Polytechnic Institute of Leiria (Portugal). This experience consisted of carrying out a series of initiatives as part of the “Intervene. Humanize. Contagiar” project, which is the result of a partnership with the Leiria Hospital Humanization Commission. The activities, planned in advance, were based on active teaching and learning methodologies and their main objectives were to foster more humanized relationships between those involved and to contribute to the training of professionals capable of fostering social integration, cultural development and the adoption of healthy lifestyles. Practical activities developed in sociocultural education spaces, which in this specific case were centered on hospital institutions, proved to be fruitful experiences in promoting a wide range of significant learning, both at a technical and professional level, as well as at a personal and social level, which they would otherwise not have been able to acquire.

KEY WORDS:

Active teaching-learning methodologies; Socio-cultural education; Higher education institutions; Socio-cultural and sporting activities; Humanization.

Introdução

Tendo como principal premissa que o espaço escolar é apenas um dos muitos espaços de educação e formação, a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria tem procurado desenvolver práticas pedagógicas pautadas por metodologias ativas de ensino-aprendizagem, na construção de uma educação sociocultural. Neste desiderato, são convocados diferentes espaços/instituições da comunidade envolvente, partilhando sinergias, numa relação que se pretende de simbiose. Este é o contexto enquadrador da experiência prática que apresentamos neste trabalho. Esta experiência tem na base os construtos teóricos associados à educação transformadora, defendida por Furter (1983), à abordagem sociocultural de Vygotsky (1962; 1978), à importância do envolvimento dos estudantes na construção do conhecimento (Morin, 2010; Xavier, 2015; Silva, 2022;



Costa et al., 2021; Sousa et al. 2021) e aos novos desafios que são colocados ao ensino superior no que se refere à preparação dos profissionais e cidadãos de amanhã (Marques, 2018; OECD, 2019).

A experiência realizada envolveu a turma do 1º ano do Curso Técnico Superior Profissional (CTeSP) de Intervenção Sociocultural e Desportiva e a Comissão de Humanização da Unidade Local de Saúde de Leiria. Esta turma tem participado ativamente na conceção e na implementação de atividades socioculturais em contextos diversos, permitindo aos estudantes assumir-se como participantes ativos na sua aprendizagem. O objetivo é que esta metodologia de trabalho possibilite aos estudantes o contacto com uma diversidade de áreas e contextos de intervenção, assim como, o experienciar de cenários muito próximos do que poderá vir a ser a sua realidade profissional futura. Nesta experiência, os estudantes colocaram ao serviço de instituições da comunidade, desta vez na área da saúde, os seus conhecimentos e ferramentas de intervenção e puderam usufruir de situações reais de intervenção, com significativos benefícios ao nível da sua formação como profissionais e como cidadãos.

Assim, o presente texto está dividido do seguinte modo: num primeiro momento são apresentados e discutidos os pressupostos teóricos que enquadram a experiência prática para, num segundo momento, se passar à descrição e análise da experiência desenvolvida. Por último, são tecidas as conclusões finais.

Pressupostos teóricos enquadradores da experiência prática

Pensar a educação de hoje obriga a um exercício que, em muitos aspectos, desconstrói o paradigma vigente até ao momento atual. Na realidade, cada vez mais a educação necessita de assumir contornos socioculturais, isto é, de reconhecer que a verdadeira educação só acontece na interconexão entre a educação e a cultura, enfocando a importância dos contextos sociais na formação e no desenvolvimento dos indivíduos. Em bom rigor, este tipo de educação procura integrar aspectos



culturais, sociais e históricos no processo educativo, reconhecendo que a aprendizagem não ocorre isoladamente, mas que é influenciada por fatores culturais e sociais.

Esta abordagem sociocultural tem raízes nas teorias do psicólogo russo Lev Vygotsky (1962; 1978) que, ao longo da sua carreira, destacou a importância do ambiente social e cultural no desenvolvimento cognitivo, pessoal e social dos indivíduos. De acordo com esta perspectiva, a aprendizagem é entendida como um processo sociocultural, moldada pelas interações com os outros e pelas influências culturais que estão ao nosso redor. Assim sendo, a educação sociocultural ocorre em ambientes de desenvolvimento e de aprendizagem que têm em linha de conta as experiências culturais dos sujeitos, promovendo-se a diversidade, o diálogo intercultural, a compreensão das diferentes perspectivas e a aquisição de diversos tipos de competências.

Este paradigma assume um papel cada vez mais preponderante no cenário educativo moderno, até porque a sociedade contemporânea não se compadece de uma educação redutora, assente num modelo fragmentado do saber (OECD, 2019). Com efeito, vivemos em contextos sociais marcados pela mudança e pela incerteza, que determinam dos sujeitos hodiernos capacidades relacionadas com a compreensão e atuação na complexidade da contemporaneidade (Xavier, 2015).

Neste desiderato, o caminho a ser trilhado é o da utilização de metodologias ativas de ensino-aprendizagem, numa abordagem em que se propõem novos desafios aos estudantes, possibilitando-lhes ocupar o lugar de sujeitos na construção do conhecimento (Morin, 2010). Na mesma linha de pensamento encontramos Silva (2022) que defende a importância de a escola ser “o centro de desenvolvimento de competências que associam predisposições individuais e interesse coletivo através da criação de situações de aprendizagem colaborativa em que se revelam as dificuldades e os contributos de cada um” (p. 31). Este aspeto é pertinente em todos os níveis de ensino, mas adquire especial relevo no ensino superior uma vez que as Instituições de Ensino Superior (IES) têm um objetivo duplo: formar profissionais, mas também formar cidadãos conscientes dos seus impactos na sociedade (Marques, 2018). Em bom rigor, as IES contemporâneas deixaram de ser “Torres de Marfim”, onde os indivíduos aprendiam descontextualizados do mundo envolvente, para assentar em



lógicas de ação em que os estudantes participam cada vez mais ativamente no seu processo de formação, em ampla articulação com diversos espaços socioculturais (Sousa et al., 2021), favorecendo-se o contacto e o envolvimento em situações reais, valorizando-se a aprendizagem autónoma e o desenvolvimento de competências como a comunicação, a colaboração, a criatividade e o pensamento crítico (Costa et al., 2021).

A educação que se quer hoje radica no pressuposto da participação, no desenvolvimento de ações que decorrem da interface entre as instituições de ensino e as organizações comunitárias (Furter, 1983). Nesta inscrição teórico-conceptual, as unidades curriculares e os conteúdos pedagógicos nelas trabalhados são adequados aos contextos específicos e às necessidades dos estudantes, na procura da aquisição e da mobilização das ferramentas mais adequadas para a construção do conhecimento profissional, pessoal e social dos sujeitos envolvidos. Dito de outro modo, as entidades externas à IES podem constituir-se em espaços referenciais de educação ao permitirem a aquisição de diversas competências associadas à formação no âmbito de uma profissão, mas, também, no domínio da cidadania (Monteiro et al., 2017). Com efeito, este trabalho de articulação, que se operacionaliza em diversos espaços de educação sociocultural, possibilita o desenvolvimento de competências e habilidades cognitivas, não-cognitivas e socioemocionais (Sousa et al., 2019) uma vez que, tal como explicam Sales e Boscaroli (2020), os estudantes têm a possibilidade de aprender em vários tempos e locais, o que significa que os indivíduos podem aplicar e desenvolver as suas competências e aprendizagens em diferentes contextos e numa variedade de situações. Para além disso, a aprendizagem é mais significativa porque é mais personalizada, uma vez que a parte teórica é aplicada fora do contexto escolar, enquanto a parte prática é trazida para a sala de aula, para ser discutida com os professores e colegas. Quando, neste trabalho, aludimos a diferentes espaços de educação sociocultural estamos a referir-nos a soluções de complementaridade e de sinergias entre as IES e os diversos tipos de instituições comunitárias de intervenção social, sejam elas entidades públicas, organizações não-governamentais, autarquias, associações ou empresas (Dubet & Durut-Belat, 2020).



A ideia que se pretende aqui defender é que a articulação entre diversos espaços de educação sociocultural permite uma melhor aquisição dos conteúdos pedagógicos (porque são mobilizados) e possibilita, ainda, a aquisição de *soft skills*, que são tão importantes quanto as habilidades específicas e os saberes técnico-profissionais (Furter, 1983). Neste quadro, é de salientar ainda as habilidades relacionadas com o exercício da cidadania, as que habilitam os estudantes com saberes e valores para a construção de comunidades mais justas e mais centradas na dignidade humana (UNESCO, 2021). Como eixo estruturador está, portanto, a preparação dos cidadãos de amanhã, promovendo competências para uma cultura democrática e aprendizagens com impacto na atitude cívica individual, nacional e europeia, ou seja, no relacionamento interpessoal e intercultural (Sousa et al., 2024). Assim, e partindo dos determinantes expostos, salientamos que este tipo de metodologia de ensino-aprendizagem tem um impacto tridimensional, ou seja, tem repercussões na formação profissional, na atitude cívica individual e no relacionamento social e intercultural uma vez que procura “criar um clima aberto e livre para a discussão ativa das decisões que afetam a vida de todos” (Monteiro et al., 2017, p. 9). Em pleno século XXI, o ensino superior almeja formar profissionais que sejam capazes de realizar tarefas específicas da sua profissão, de mobilizar conhecimentos e ferramentas para a construção do conhecimento, de apresentar capacidades de adaptabilidade e de trabalho colaborativo em contextos interdisciplinares e multidisciplinares, bem como, habilidades específicas no domínio cognitivo e metacognitivo e social e emocional (OEDC, 2019), convocando diferentes conhecimentos, de matriz científica; para além de tudo isto, e não sendo menos importante, as IES procuram, também, a construção de melhores cidadãs/cidadãos.

Em termos concretos, porque são oferecidas oportunidades para aprender e experimentar a educação em diferentes âmbitos, o estudante mobiliza novas ideias e soluções, de forma imaginativa e inovadora, como resultado da interação com outros ou da reflexão pessoal, aplicando-as a diferentes contextos e áreas de aprendizagem (Martins et al., 2017), numa lógica de conceção e experimentação não abstrata, nomeadamente, de cidadania.



Na concretização deste perfil, os diferentes espaços de educação sociocultural possibilitam a criação de ambientes propícios “à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências, onde os alunos adquiram múltiplas literacias que precisam de mobilizar” (Martins et al., 2017, p.7) na construção de ferramentas essenciais para o exercício de uma cidadania plena, ativa e criativa, tal como defendido no relatório da UNESCO (2021) *“Reimagining our futures together: A new social contract for education”*. Por isso, é fundamental “promover de modo sistemático e intencional, na sala de aula e fora dela, atividades que permitam ao aluno fazer escolhas, confrontar pontos de vista, resolver problemas e tomar decisões com base em valores” (Martins et al., 2017, p.27).

Neste sentido, e em jeito de síntese, esta relação entre as instituições de ensino e as organizações/entidades externas oferece contributos valiosos no que se refere à formação dos estudantes do ensino superior, uma vez que possibilita a preparação de cidadãos capazes de lidar com o incerto, com o complexo e com o diverso, num quadro de democracia, de respeito pela diversidade e de defesa dos Direitos Humanos.

A experiência prática: descrição e análise

A Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, sendo uma IES com forte ligação à comunidade de pertença e muito pautada pela preocupação em proporcionar, aos seus estudantes, oportunidades de aprendizagem prática em contextos reais de trabalho, tem procurado desenvolver práticas pedagógicas em espaços multirreferenciais de aprendizagem (Sousa et al., 2021), contribuindo para uma educação sociocultural. Nesta linha de orientação, a turma do 1º ano do Curso Técnico Superior Profissional (CTeSP) em Intervenção Sociocultural e Desportiva em parceria com a Comissão de Humanização do Hospital de Leiria, agora Comissão de Humanização da Unidade Local de Saúde de Leiria, desenvolveu um conjunto de iniciativas no âmbito do projeto “Intervir. Humanizar. Contagiar”, projeto recentemente formalizado através de um protocolo entre as organizações tutelares. É no contexto deste projeto que se insere a experiência que seguidamente iremos detalhar: as atividades foram desenvolvidas no 2º semestre do ano letivo 2022-23, na unidade curricular (UC) de



Práticas de Intervenção Sociocultural e Desportiva, com 22 estudantes da turma identificada no parágrafo anterior. Os conteúdos desta unidade curricular centram-se na análise dos diferentes contextos e públicos específicos da intervenção sociocultural e desportiva e no conhecimento das diferentes práticas para, seguidamente, se proceder à elaboração de planos de atividades com vista à aplicação de diferentes metodologias de intervenção. Importa ressalvar, para uma melhor elucidação, que este CTeSP visa formar profissionais, com qualificação de nível V, “habilitados na área da intervenção sociocultural e desportiva, capazes de gerir, conceber, dinamizar e implementar projetos e atividades de caráter social, cultural, recreativo e desportivo, direcionados para diferentes públicos (...) com recurso a ferramentas tecnológicas, artísticas e desportivas e destinados a promover e estimular a integração social, o desenvolvimento cultural e a adoção de estilos de vida saudáveis.”¹ Dada a amplitude de competências e habilidades que este curso procura desenvolver nos seus estudantes, a parceria com a Comissão de Humanização da Unidade Local de Saúde de Leiria salientou-se como uma iniciativa potenciadora do desenvolvimento de múltiplas literacias (Martins et al., 2017, p.7) e de construção de ferramentas essenciais para o exercício de uma cidadania plena, ativa e criativa (UNESCO, 2021). A Comissão de Humanização, entre outras funções, procura promover atividades que fomentem a humanização para utentes e profissionais e monitorizar a Carta de Compromisso para a Humanização Hospitalar, assinada pelo Centro Hospitalar em setembro de 2019. É neste âmbito que se constrói o seu plano anual de atividades, que inclui as iniciativas sobre as quais versa este trabalho: Dia Mundial da Atividade Física; Dia Internacional da Família; e Intervenção na Unidade de Psiquiatria dos Andrinhos.

Estas iniciativas tornam-se nas temáticas a partir das quais os estudantes, organizados em grupos, são desafiados a construir planos de ação adaptados ao contexto e aos públicos-alvo. O trabalho nesta UC

¹ <https://www.ipleiria.pt/curso/tesp-de-tecnico-superior-de-gestao-e-intervencao-sociocultural-e-desportiva/>
consultado a 28/02/2024.



tem início com uma caracterização do Hospital e dos vários Serviços, que lhes é feita pelos membros da referida comissão, passando-se, de seguida para a construção do plano de ação.

Na construção do plano de ação, os estudantes têm a liberdade de apresentar as suas propostas, que obrigam à estimulação da imaginação e da criatividade, fazendo escolhas e desencadeando soluções inovadoras para a criação e aplicação de atividades e de materiais, por exemplo (Martins et al., 2017); simultaneamente, resolvem problemas em grupo, desenvolvendo um conjunto de habilidades cognitivas e metacognitivas, mas também sociais e emocionais (OECD, 2019). Todas as atividades são planificadas em sala de aula, com o apoio das docentes e em estreita colaboração com as profissionais da Comissão de Humanização, oferecendo aos estudantes a possibilidade de aprender em vários tempos e locais, numa dinâmica em que a parte teórica é aplicada fora do contexto escolar, enquanto a parte prática é trazida para a sala de aula, para ser discutida com os professores e colegas (Sales & Boscaroli, 2020).

Esta experiência pedagógica, sendo desenvolvida numa UC de índole prática e intervenciva, tem princípios norteadores que se prendem com a mobilização de conteúdos pedagógicos inerentes ao curso, visando a construção de saberes técnicos e profissionais, ao mesmo tempo que se procuram desenvolver também relações mais humanizadas entre os próprios estudantes e entre estes e os públicos de intervenção (Marques, 2018; Sousa et al., 2024; UNESCO, 2021).

Tendo como cenário as iniciativas atrás elencadas, foram desenvolvidas diversas atividades no âmbito do Dia Mundial da Atividade Física, em locais como a Consulta Externa, a Pediatria, a Consulta da Diabetes, gabinetes dos funcionários, entre outros. Como exemplo dessas atividades foram distribuídos *flyers* informativos sobre os benefícios da atividade física; panfletos com propostas de vários exercícios para que as pessoas diabéticas fossem instigadas a fazer atividade física autonomamente; foram realizados jogos de coordenação e concentração para as crianças que aguardavam na consulta de pediatria; fizeram-se vídeos, utilizando animação em 3D, que foram passados no internamento do serviço de pediatria para que as crianças pudessem conhecer os benefícios da atividade física; foram dinamizados desafios de atividade física para funcionários e



distribuição de calendários com propostas diárias de ciclos de exercícios para que, mesmo no local de trabalho, pudessem fazer atividade física.

Quanto ao Dia Internacional da Família foram promovidas diversas atividades socioculturais e desportivas especificamente para os funcionários do centro hospitalar, que neste dia foram autorizados a levar para os seus filhos para os locais de trabalho. Estas atividades que pretendiam, sobretudo, promover a relação entre pais e filhos, foram organizadas em jeito de gincana/percurso e desenvolvidas no campo de jogos criado para o efeito. De entre as atividades podemos destacar o desporto em família; o percurso divertido em família, onde existiam diversos obstáculos para serem superados em conjunto; jogos de competição; jogos de mímica e adivinha o que desenhei?; *bowling* colorido; *twister*; Memórias em Família, em que se partilhavam oralmente histórias, e que de alguma forma, se procuravam eternizar no desenho; danças coreografadas; teatro de fantoches; jogo de tabuleiro gigante, em que se procurava sensibilizar para a importância de fazer jogos em família, entre outras. Reiteramos que todas as atividades socioculturais e desportivas tinham como pilar balizar o estreitamento das relações familiares.

Relativamente à Unidade de Psiquiatria - Unidade de Internamento de Doenças e Evolução Prolongada (UIDEP), designadamente com os utentes com condições de anormalidade na ordem psíquica, mental ou cognitiva, com causas determinadas ou não, foram desenvolvidas atividades de desenvolvimento cognitivo, sensorial e motor, de partilha de emoções, histórias de vida reais ou não, entre outras. Foram realizados percursos com bolas, construção de puzzles gigantes; jogos de equipa, onde estiveram muito patentes aspetos como a necessidade de organização da equipa e o cumprimento de regras; contas coloridas; circuito de jogos com uma reciação criativa de jogos existentes (jogo do galo na baliza, jogo das tábuas, golf com as mãos); entre outras. Uma das atividades mais marcantes foi a criação de um painel para a instituição intitulado “Um Momento Feliz”, tendo sido utilizadas estratégias não convencionais, desde o tipo de tintas, aos objetos diversificados que substituíram os tradicionais pincéis.



Todas as ações aqui apresentadas tiveram como objetivos fomentar relações mais humanizadas entre utentes, profissionais, profissionais-utentes, profissionais-utentes-estudantes; reforçar a importância das atividades socioculturais e desportivas para a promoção da saúde física e mental; criar oportunidades de aproximação e interação familiar; e promover a vivência de momentos lúdicos e criativos.

A par da planificação e da execução das atividades, foi elaborado, ao longo do semestre, um portefólio reflexivo de grupo, onde foram sendo colocadas todas as informações e materiais desenvolvidos para cada uma das ações, assim como uma avaliação do grupo sobre cada uma das intervenções. No final da unidade curricular, os estudantes apresentaram também uma reflexão final sobre o trabalho desenvolvido, de forma a servir de balanço acerca das competências e habilidades adquiridas, tanto ao nível da realização e da gestão de um trabalho de grupo, como no domínio da concretização das fases de projeto (planificação, intervenção e avaliação) das intervenções em contexto real, entre outros aspetos.

Ao longo das suas reflexões, os estudantes vão referindo aspetos que podemos considerar para efetuar o balanço desta experiência prática. Podemos começar por uma informação referida por quase todos os estudantes e que se prende com o **trabalho em equipa**, a necessidade de terem de aprender a trabalhar juntos, a cooperar e a apoiar-se na superação das fragilidades, não só em contexto de turma, mas também com os professores, enfermeiros e outros técnicos dos contextos ligados à instituição onde desenvolveram as intervenções.

Um outro dado muito valorizado pelos estudantes é a capacidade de **organização e de planificação** pois o desenvolvimento desta experiência permitiu-lhes perceber “*a importância da organização antes e depois de qualquer atividade*”. Refletem, também, sobre as mudanças que deveriam fazer na dinamização das atividades ou dos suportes criados, ou seja, começam a apresentar algumas preocupações para com a **melhoria contínua** dos suportes/materiais, assim como, com a adequação das estratégias de implementação, comunicação, entre outras.



A **comunicação** é referida por muitos estudantes, quer em relação ao seu grupo de trabalho, quer em relação aos indivíduos que foram os destinatários da sua intervenção. A necessidade de adaptar o modo de comunicar com cada um, nomeadamente, com os utentes da unidade de psiquiatria, para que os exercícios fossem compreendidos e adaptados de forma a que todos pudessem participar, mudando as estratégias tantas vezes quantas fossem necessárias, constituiu-se numa verdadeira aprendizagem. Referem-se também ao quanto é importante para manter os participantes focados e motivados nas intervenções.

Esta experiência foi encarada pelos estudantes também como uma forma de **superação pessoal**, no que respeita aos medos, à confiança em si próprio, à gestão de emoções, ao nervosismo, à superação de obstáculos, ao desmistificar de ideias pré-concebidas sobre diferentes públicos e contextos; e o desenvolvimento da capacidade de improvisar, de encontrar vários planos B no momento das intervenções práticas, de forma a encontrarem soluções mais eficazes para a continuação da atividade. A componente humana esteve também muito presente, os afetos são também muito valorizados pelos estudantes: *“foram-nos dando abraços nomeadamente quando os ajudávamos a realizar a atividade”*. De uma forma mais global e tendo como base, mais uma vez, as reflexões dos estudantes, percebemos que a realização destas atividades permitiu a aquisição de conhecimentos que serão utilizados em próximas experiências. Reconhecem que a realização desta experiência pedagógica foi deveras importante no aumento das suas capacidades de intervir, de organizar, de planificar e de comunicar, bem como, de dar ao público-alvo momentos de felicidade e de convivência. Deste modo, a unidade curricular foi considerada pelos estudantes muito importante para aprendizagem, considerando-a *“cheia de novidades, dinamismo e cooperação”* e como forma de aprender participando. Tal vai ao encontro da ideia da didática da participação (Ventosa, 2017), elemento crucial da animação sociocultural e que está muito na base desta unidade curricular. Segundo Victor Ventosa (2017), a didática da participação é uma forma específica de motivar e ensinar a participar mediante a implicação em projetos socioculturais do interesse dos participantes, como forma de potenciarem as suas capacidades. Para o autor, aprendemos a participar, realizando ações/projetos, de forma gradual,



e a partir de um determinado contexto (Ventosa, 2017), tendo sido este o pressuposto em que assentou a experiência que aqui se apresentou.

Em jeito de conclusão, ficam ainda alguns excertos retirados dos portfólios reflexivos dos estudantes, que ilustram bem os benefícios destas aprendizagens em contexto, que vão muito além dos conteúdos da unidade curricular, pois os mesmos são potenciados pelo cruzamento de diferentes espaços para uma educação sociocultural (Costa et al., 2021; Monteiro et al., 2017; Sales & Boscaroli, 2020; Sousa et al., 2021). Destacamos os seguintes: “*com estas atividades e o poder colocá-las em prática e interagir com os diferentes públicos, consegui retirar novas aprendizagens e conhecimentos, formas de pensar e de agir, a ser mais flexível e organizado, tornou-me uma pessoa mais madura e com mais especial cuidado com o que dizer e fazer, permitiu-me também colocar no lado da outra pessoa, especialmente no caso da interação com os Doentes da Unidade de Psiquiatria*”; “*uma das principais aprendizagens que retirei foi que devemos aceitar todas as condições que a pessoa apresenta e tentar sempre ver o melhor, para entender e aceitar as diferenças dos outros, praticar a empatia e a autocritica.(...) é importante criar atividades apropriadas, conseguir incluir todos os utentes presentes independentemente das suas características, mas também conseguir criar laços de forma a desenvolver conforto pessoal durante a realização das intervenções*”; “*com estas intervenção conseguimos ganhar mais experiência, maturidade e conseguimos crescer como pessoas. São estas experiências que nos formam como pessoas e o poder estar a trabalhar com diferentes grupos de pessoas de diversas faixas etárias é incrível, faz-nos querer continuar a fazê-lo ainda mais vezes, só o poder ver o sorriso na cara deles, já é o nosso dia ganho.*”

Assim, com as vozes dos estudantes, se encerra a partilha da experiência prática. Vozes essas que vão ao encontro dos desafios contemporâneos que se colocam às IES e aos seus docentes (Marques, 2019) e que encontram eco naquilo que já Pierre Furter (1983) defendia, isto é, a necessidade de se criarem ou enriquecerem espaços de formação, de se promoverem atividades, ações e dinâmicas potenciadoras de educação, recorrendo a formas diversificadas de interação que permitam enriquecer a educogenia de um determinado contexto/território.



Conclusões

A experiência prática apresentada ao longo deste trabalho permite perceber que a utilização de metodologias ativas de ensino-aprendizagem, assente em ações práticas desenvolvidas em contextos reais de trabalho, constituem-se como uma experiência crucial de educação sociocultural (Furter, 1983). Esta educação sociocultural que decorre em diversos espaços proporciona uma grande diversidade de aprendizagens, quer a nível técnico e profissional, quer a nível humano (Marques, 2019; Monteiro et al., 2022; Sousa et al., 2022). Com efeito, a par da aquisição de competências e habilidades práticas, cognitivas e metacognitivas (OEDC, 2019), também são promovidas competências de cidadania, fomentando um maior conhecimento e respeito pela dignidade humana (Costa et al., 2021; Sousa et al., 2022). Esta experiência, de aprender participando (Ventosa, 2017), acabou por tornar estas aprendizagens fora do contexto de sala de aula em aprendizagens mais significativas e capacitadoras dos estudantes participantes (Sales & Boscarioli, 2020).

O contacto com várias realidades, neste caso, e mais especificamente, em contextos ligados à saúde, permitiu que os estudantes conhecessem e percebessem estas instituições de outra forma, desmistificando ideias pré-concebidas sobre os utentes e sobre o trabalho que aí se desenvolve. Para além disso, esta experiência prática veio reforçar a autoconfiança, o autoconceito, a responsabilidade e a comunicação dos estudantes, com ampla repercussão na promoção das suas habilidades sociais e emocionais. Trabalho de equipa e a gestão das tarefas entre os grupos foi também uma das aprendizagens mais destacadas.

Neste sentido, os diferentes contextos socioculturais, tal como acontece nesta experiência prática, aparecem como espaços ricos de saberes e, portanto, espaços de formação (Furter, 1983) fora da escola, que neste caso em concreto estão articulados com a escola, de forma a atingir o potencial educativo que se procura a formação integral dos estudantes.

Referências bibliográficas



Costa, R., Novas, J. & Silva, P. (2021). Participação estudantil (sem fronteiras)? Perceções, potencialidades e obstáculos em contexto de ensino superior. *Revista Forges - Fórum da Gestão do Ensino Superior nos Países e Regiões de Língua Portuguesa*, 7 (2), 55-76.

Dubet, F. & Durut-Belat, M. (2020). *L'école peut-elle sauver la démocratie?*. Editions Seuil

Furter, P. (1983). *Les Espaces de la Formation*. Presses Polytechniques Romandes.

Marques, R. (coord.) (2018). *Livro Verde sobre Responsabilidade Social e Instituições de Ensino Superior*. ORSIES – Observatório sobre Responsabilidade Social e Instituições de Ensino Superior.

Martins, G. O., Gomes, C., Brocardo, J., Pedroso, J. V., Camilo, J., León A., Silva, L. M. U., Encarnação, M. M., Horta, M., Calçada, M., Nery, R. & Rodrigues, S. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação.
http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Monteiro, R., Ucha, L., Alvarez, T., Milagre, C., Neves, M. J., Silva, M., Prazeres, V., Diniz, F., Vieira, C., Gonçalves, L., Araújo, H. Santos, S. & Macedo, E. (2017). *Estratégia nacional de educação para a cidadania*. 2017. Direção-Geral da Educação.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Aprendizagens_Essenciais/estrategia_cidadania_original.pdf

Morin, E. (2010). *Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar*. Garamond.

Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD). (2019). *Future of education and skills 2030*. Organisation for Economic Co-operation and Development.



Sales, A. & Boscarioli, C. (2020). Uso de tecnologias digitais sociais no processo colaborativo de ensino-aprendizagem. *Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação*, 37, 82-98.

Silva, C. (2022). Escola pública em democracia. Para quê?. *Sociologia: Revista da Faculdades de Letras da Universidade do Porto*, 44, 28-45. <https://doi.org/10.21747/08723419/soc44a2>

Sousa, J., Barreto, A. & Cravo, C. (2024). Parcerias entre a Escola e as Organizações Sociais e Comunitárias para a formação de cidadãos: O caso do Projeto Redes na Quint@. *Indagatio Didactica*, 16 (1). <https://doi.org/10.34624/id.v16i1>.

Sousa, J., Fontes, A. & Mesquita, M. (2021). Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na promoção da inclusão social: Como abraçar sem tocar. In C. Mangas, J. Sousa & C. Freire (Coord.). *Percursos para uma educação inclusiva* (pp. 93- 114). Almedina.

Sousa, J., Milhano, S., Lopes, S. & Mangas, C. (2019). Learning and teaching in and with the local community: The use of a critical and innovative methodology in ESECS/IPLeiria. In *Conference Proceedings of the International Conference The Future of Education*, 9th Edition, Florence, Italy. DOI 10.26352/D627_2384-9509_2019

UNESCO (2021). *Reimagining our futures together: A new social contract for education*. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379707.locale=en>

Ventosa, V. J. (2017). *Didáctica da Participação – Teoria, Metodologia e Prática*. Edições Sesc

Vygotsky, L.S. (1962). *Thought and Language*. MIT Press.



Revista de Pedagogia Social

uff

Vygotsky, L.S. (1978). *Mind in Society*. Harvard University Press.

Xavier, L. G. (2015). Para além da didática: desafios da escola e do professor do século XXI. *Exedra: Didática do Português - Investigação e Práticas*. Número temático, 26-36.

<http://www.exedrajournal.com/wp-content/uploads/2015/07/03-25-36-LOLA-xavier.pdf>